



## A LIBERDADE DO PENSAR EM QUESTÃO: EDUCAÇÃO, PSICOPOLÍTICA E O IMPERATIVO DE VIVER NA CONTEMPORANEIDADE

Eixo 01 - Educação e Comunicação

Bryce Gomes Farias PODEROSO<sup>1</sup>

Alana Danielly VASCONCELOS<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a liberdade do pensar na contemporaneidade, explorando a interseção entre educação e psicopolítica. A pesquisa fundamenta-se nas teorias de Edgar Morin (2014), John Dewey (1979) e Byung-Chul Han (2015), que apresentam visões distintas sobre a educação e o impacto das novas técnicas de poder. Enquanto Dewey (1979), e Morin (2015), defendem uma educação ativa e libertadora, que estimule a proatividade intelectual e a autonomia, Han sinaliza para o uso da tecnologia como instrumento de dominação psicopolítica, resultando em desumanização e uma forma de servidão mascarada pela geração de dados. O estudo integra essa discussão com a observação da inserção de tecnologias digitais, como os displays interativos, em escolas municipais, reconhecendo seus benefícios, mas problematizando a dependência que criam e a não neutralidade própria desses sistemas, controlados por lógicas econômicas e de poder. Apesar da irreversibilidade da digitalização na educação, é fundamental que as escolas promovam a sensibilização crítica sobre a manipulação informacional. Quanto a metodologia se caracteriza pela abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico. O presente artigo visa corporificar sobre a não neutralidade da tecnologia principalmente no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Psicopolítica; Liberdade; Tecnologia

### ABSTRACT

This article analyzes contemporary freedom of thought, exploring the intersection between education and psychopolitics. The research is based on the theories of Edgar Morin (2014), John Dewey (1979), and Byung-Chul Han (2015), who present distinct views on education and the impact of new techniques of power. While Dewey (1979) and Morin (2015) advocate for an active and liberating education that encourages intellectual proactivity and autonomy, Han points to the use of technology as an instrument of psychopolitical domination, resulting in dehumanization and a form of servitude masked by data generation. The study integrates this discussion with the observation of the insertion of digital technologies, such as interactive displays, in municipal

<sup>1</sup> Universidade Tiradentes – UNIT: mestranda em educação e comunicação, GETIC - Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura; e-mail: bryce.poderoso@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Tiradentes – UNIT: Doutora em educação pelo PPGED (UFS) GETIC - Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura; e-mail: alana.danielly@souunit.com.br



schools, recognizing their benefits but problematizing the dependency they create and the inherent non-neutrality of these systems, controlled by economic and power logics. Despite the irreversibility of digitalization in education, it is essential that schools promote critical awareness of information manipulation. The methodology is characterized by a qualitative, bibliographic approach. This article aims to embody the non-neutrality of technology, especially in the school environment.

**KEYWORDS:** Educatio; Psychopolitics; Freedom; Technology.



## 1 Introdução

Pensamentos hesitantes e a passos vagarosos  
A ideia parece estar pronta, mas o pensamento  
    Não sabe exprimir de forma concisa  
Então as palavras dançam, até se encaixar  
Onde farão a conexão perfeita, com seu brilho discreto  
    Ainda incerto da obrar nascer  
A inspiração é como um pássaro, inquieto  
    E as vezes silencioso, vem de longe  
        E encontra abrigo  
O texto vai se revelando, e a inquietude  
    Se afastando  
        Com erros e acertos  
Sinto minha forma de escrever.

A arte e dor da escrita – autoria anônima

Diante do poema de autoria própria que me seduziu a expô-lo depois de frenesis para a escrita do texto, a incerteza é parceira no processo de evolução, principalmente meu, na arte de criar, a partir de pensadores renomados, eu principiante na jornada da pesquisa, ser relevante ou irrelevante é ato próprio de quem ler.

A luz dos três autores, esse artigo tem forma, parto do objetivo de analisar as teorias sobre "Ensinar a Viver: Manifesto para Mudar a Educação" de Edgar Morin (2015), "Democracia e Educação" de John Dewey (1979) e no viés sobre a "liberdade real" da Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder de Byung-Chul Han (2014). E alguns autores que são importantes mencionar quando falamos sobre as infinitudes de objeções no campo da tecnologia. É válido ressaltar que os três pensadores estão situados em momentos distintos na humanidade, a obra "Democracia e Educação" de Dewey data de 1916, em sua primeira edição, já a obra Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder de Byung-Chul Han, data de 2014 e a mais recente "Ensinar a viver: Manifesto para Mudar a Educação de Edgar Morin em 2015.

Os dois autores Dewey e Morin nos convida a uma nova perspectiva e olhar sobre o estado da educação, apesar de ambos terem uma lacuna temporal distante, já Han (2014), nos alerta sobre a tecnologia ser utilizada como instrumento de poder.

Esse estudo tem uma abordagem qualitativa, com um trabalho pautado na revisão bibliográfica segundo Richardson (2012). Focada na análise interpretativa, utilizando fontes como livros, artigos e outros materiais escritos. Tendo como objetivo geral avaliar os formatos que se



apresentam as distintas posições sobre a educação e a tecnologia, partindo de um viés de que a tecnologia não é neutra, apesar de ser favorável a seu uso.

Esse trabalho estrutura-se em três momentos – i) educação e psicopolítica: que vai tratar sobre a educação na visão de Dewey (1979) e Morin (2015) na perspectiva da psicopolítica através do viés de Han (2014), ii) a liberdade de pensar em questão, vai tratar sobre a liberdade que temos na internet, mas ilustrando que é uma falsa “liberdade” utilizada como forma de dominação, assim como propõe (Han 2014). E iii) viver na contemporaneidade, vai tratar sobre os dias atuais, onde as ferramentas tecnológicas estão presentes na escola e sobre a ênfase da não neutralidade da tecnologia, e a sensibilização do alerta da sutil dominação que vivemos.

## 2 Educação e psicopolítica

Diante dos termos educação e psicopolítica, temos a "Educação" como o foco de Dewey (1979) e Morin (2015), e "Psicopolítica" com o conceito centralizado de Han, através das novas formas de poder, sendo definida como a nova técnica de poder do neoliberalismo.

Sabe-se que a experiência para Dewey (1979) é fundamental no processo educativo, logo, a escola precisa ser relevante para o cotidiano do estudante, as atividades escolares precisam estar conectadas com suas vidas diárias, não deveria haver ruptura entre a vida fora da escola e a vida dentro dela, contudo, o que deve existir é uma relação de continuidade.

O papel da escola na visão Dewey (1979) não é apenas transmitir os mesmos saberes geração após geração, como se o conhecimento fosse algo pronto e acabado. O conhecimento deve ser apresentado de maneira que estimule o interesse pessoal do estudante pela aprendizagem, focando no desenvolvimento de habilidades ligadas a solucionar problemas.

Instigar a solução de problemas nas crianças está ligada a psicologia natural dela, então ela desenvolverá habilidades, no âmbito social, no cooperativismo e em novas descobertas. Ou seja, ensinar com propósito, para que as crianças percebam a relevância nos desafios. Pois os desafios ainda quando criança os fortalece a mente para desafios na fase adulta. A escola deve estar fortemente inter-relacionada com a comunidade ao redor de forma ampla.

Assim, em uma sociedade democrática e complexa, os saberes e as habilidades farão parte do cotidiano escolar. A educação não deve se limitar a um ensino repetitivo de verdades imutáveis. Para Tardif (2019) “os saberes docentes envolvem um conjunto de saberes que não são somente



curriculares, mas experiênciais, disciplinares e os que envolvem a formação profissional.”

Corroborando Vasconcelos (2020) “os saberes docentes não são construídos/constituídos de conteúdos cognitivos prontos e imutáveis, ao contrário, eles se constituem de um processo de construção que acontece ao longo da carreira profissional”

Apesar da obra de Dewey (1979) ter sido lançada antes do advento da internet, percebemos por sua obra, que o uso desse tipo de tecnologia na educação seria um ponto a ser explorado pelo mesmo, pois nossas crianças já nascem tendo um domínio quase que congênito para utilizar as tecnologias digitais, e se sua metodologia defende uma educação que integre as experiências sociais cotidianas, então, esse seria um caminho a ser percorrido na educação, tendo em vista que a porcentagem da população infanto-juvenil que usa a internet para variados fins é alarmante.

No Brasil, cerca de 93% da faixa etária entre 9 e 17 anos utilizam a internet, de acordo com a pesquisa TIC Kids Online. Isso significa que, em números absolutos, aproximadamente 24,3 milhões de crianças e jovens brasileiros estão conectados, essa pesquisa foi realizada em 2024. Eles fazem uso diariamente das tecnologias digitais de informação e comunicação, sendo necessário estudos e pesquisas que busquem compreender como essas tecnologias digitais integram e agregam ao processo de construção da autonomia intelectual dos sujeitos.

Quanto ao conceito de educação na perspectiva de Morim, seu manifesto mesmo sendo de 2015, apresenta colocações pertinentes e urgentes, para o debate educacional contemporâneo, pode-se dizer que será útil em muitos anos que estão por vir, pois suas colocações são latentes e necessárias sobre a educação e os frutos dela em uma sociedade adoecida pelas incertezas do porvir.

A educação é dever de todos, dos grandes aos pequenos, grande referente ao poder público, pequenos referente a pais e professores, que desempenham um papel fundamental e estrutural no processo educativo. O nós-coletivo, onde o ser não está isolado, e decisões e escolhas, afetam diretamente a vida do outro. Por todos os lados contribuimos de modo ativo e imperceptível, os que detém o poder exploram sem limites a liberdade coletiva. Surgem as críticas sobre o tradicional, percebida na obra de Dewey (1979) e Morin (2015) formando indivíduos apenas para o mercado de trabalho. Negligenciando a construção do homem para o futuro, resoluto, consciente e ligado no sermos mais humanos.

A digitalização, embora irreversível por já estar integrada ao cotidiano, tem seu poder potencializado. Como participantes ativos no processo de geração de dados, tornamo-nos indefesos e somos até mesmo usados por sistemas controlados por lógicas econômicas e de poder, limitando a



nossa liberdade de escolha e controle sobre o futuro.

Este novo livro não faz, senão recapitular as ideias dos precedentes, desenvolve tudo o que significa ensinar a viver em nosso tempo, que é também o tempo da Internet, em nossa civilização, na qual tão frequentemente ficamos indefesos e somos até mesmo usados, em nossa era simultaneamente antropocena, do ponto de vista da história da Terra, e planetária, do ponto de vista da história das sociedades humanas (Morin, 2015, p. 10).

Em 2015, quando o livro “Ensinar a viver: manifesto para educação” foi lançado a internet já tinha muitos anos de existência, e mesmo um autor centenário sabe que ela não é somente uma boa protagonista, mas também pode se travestir de vilã, isso varia conforme quem está no controle em uma esfera global, ou seja, somos usados, e estamos indefesos, pois somos dominados de forma tão sutil, que sugerir que somos se torna ir de encontro, incongruência.

Diante do modelo do mundo contemporâneo que habitamos, percebemos a urgência do imperativo. Em Morin (2015) vemos uma carta aberta do “ensinar a viver”, mas diante da exploração bem definida por Han(2014), se vivencia uma ameaça à liberdade onde as tecnologias tão presentes em nosso meio e na educação também tem imperado, e tem papel predominante na psiquê.

Pode parecer exagero para alguns, mas Han (2014) afirma que toda essa técnica de poder que ganhou força com o avanço da web é uma desumanização, tudo aparenta ser formidável, mas em detrimento de que? Somos explorados consumidos, usados, tudo a troco de "monetarização" a partir dos dados gerados, e na escola não é diferente, toda a tecnologia que está lá, que sim é muito útil, mas é só mais um público gerando dados para alimentar a famigerada psicopolítica de dominação, onde não existem parâmetros, todos os eixos cooperam para o acúmulo geral de informações. “A liberdade é antagonista da coerção. Ser livre significa estar livres de coerções”. (Han, 2014 p. 10)

Diante disso, percebemos um contraste perante a educação ativa e libertadora proposta por Dewey (1979) e Morin (2015) se comparada a teoria proposta de Han (2014), que aponta uma nova educação já se estabelecendo através do mundo digital, que caminha a passos para uma servidão mascarada. Nessa linha, segundo Zubbof (2021)

Tanto empresas novas quanto estabelecidas de todos os setores — inclusive de varejo, finanças, fitness, seguros, automotivo, de viagens, hospedagem, saúde e educação — estão aderindo ao curso migratório para as receitas de vigilância, seduzidas pelo magnetismo do crescimento e lucro desmedidos e a promessa da pródiga recompensa que somente os mercados financeiros são capazes de proporcionar (Zubbof, 2021 p. 214).



A partir da visão da autora Zubbof (2021), e o pensamento de Han (2014), vemos que a tecnologia é um meio de dominação real em nossa sociedade, o que remete a perdas das tensões narrativas, diante do silogismo, dessa forma é crescente os acontecimentos que moldam a percepção da realidade. *In ornare enim eget magna tincidunt non aliquet nulla ullamcorper. Donec vehicula accumsan magna sed volutpat. Chartier (1999 apud Carlos, 2007) Maecenas accumsan, magna eu ultrices aliquam, nunc turpis porttitor mauris, ac tincidunt magna massa in leo. Vestibulum accumsan, purus in rhoncus tempus, urna magna mattis eros, eu hendrerit ante quam vel tortor.*

### **3 A liberdade do pensar em questão**

Uma preocupação cêntrica de todos os pensadores aqui em destaque é a liberdade que a educação causa, mas até que ponto? Dewey (1979) protagoniza a defesa sobre a "proatividade intelectual, independência na observação, invenção com perspicácia, e ainda sobre o alerta da servidão intelectual. Para Morin (2015), uma educação tem que promover a capacidade reflexiva, autonomia e o espírito livre.

Já na perspectiva de Han (2014), se vê a indagação quanto a liberdade que é posta na contemporaneidade, como se as pessoas estivessem vivendo uma crise de liberdade, muitas das vezes invisível, mas real. Onde o poder não opera mais oprimindo, mas através de um eufemismo de subversão no indivíduo, através da psicopolítica. Estamos com a liberdade em questão comprometida?

A educação vivencia inúmeras modernidades, isso é inerente ao momento atual da história, questiona-se se essa mistura de educação e inovação, é neutra? A tecnologia digital surge como aliada da sociedade, numa visão futurista, com promessas de diminuir “problemas” e aumentar as possibilidades de solução em todos os cenários em que se encontra, e na educação não é diferente.

Mas, esse clamor para a reforma do sistema educativo não acontece de forma isolada, quando unimos a tecnologia digital e a educação, algo inegável acontece, insere-se toda uma geração de educandos em um caminho de remodelação de tendências da realidade irreversível. Não tem mais volta, uma vez inserida a tecnologia digital, é impossível voltar a escola tradicional, pois a escola tradicional não traduz o momento atual de crianças e adolescentes.

Nesse contexto, se faz necessário fazer uma transversalização do objeto de estudo que trata



sobre um recurso tecnológico digital inserido recentemente pela prefeitura de Aracaju, mas precisamente no ano de 2024 nas escolas municipais, sendo semelhante a uma lousa interativa, conectada em tempo integral com a internet, presente em salas regulares.

De acordo com o site da Prefeitura de Aracaju, “com um investimento de R\$75 milhões, o programa traz modernização digital para todas as 79 escolas da rede, oferecendo câmeras aéreas, totens de reconhecimento facial, mais de 25 mil notebooks que estão sendo entregues aos alunos do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, além de displays tecnológicos, que são telas de 70 polegadas, conectadas a rede de internet da gestão municipal (PMA, 2024)”

Esses displays vêm para fomentar a inclusão digital ampliando o engajamento e incentivando um aprendizado mais lúdico e digitalizado, o que pode tornar as aulas mais atrativas dentro do universo da era digital, alunos podem interagir diretamente com os conteúdos apresentados nos displays. Estas ferramentas se apresentam como auxiliadoras, mas o artigo já estabelece que a tecnologia na escola, apesar de seus benefícios presumidos pode ser vista como um instrumento de dominação psicopolítica, gerando dados que alimentam essa "famigerada psicopolítica de dominação" descrita por Han (2014).

Inserir os alunos no contexto tecnológico digital ajuda no desenvolvimento de suas competências, e é inerente em nossa sociedade, como mostram pesquisas como “Tecnologia digital na educação: uma revisão sistemática da literatura” feitas pelas autoras Araújo e Vasconcelos (2025), mas quando levamos em consideração que esse formato é a condição sine qua non para o avanço do processo ensino-aprendizagem, nos tornamos reféns, não da tecnologia de maneira isolada, mas de quem está por trás e a controla. Nossas crianças se desenvolvem com as tecnologias digitais em mãos, telas em casa, telas na sala de aula, é uma normalização.

Na escola, os chamados displays interativos ou tecnológicos é mais um dos muitos recursos que fazem parte da jornada escolar, e as crianças tem em seu subconsciente que é normal, e mais que normal é essencial, então criamos uma consciência inicial de que a tecnologia é obrigatória dentro do ambiente escolar, de que não existe mais a educação no formato analógico e essa dependência fica enraizada, nascendo um novo normal, esta presente em todos os cenários, o display substitui o quadro, não existe mais giz, tudo é pelo toque.

E esse perspectivar nos diversos planos tecnológicos cria a cultura da dependência, o professor habituado a usar a tecnologia, não retornará mais para o analógico. Assim nasce a nova identidade da liberdade onde enterramos o analógico, e o digital assume o papel. A tecnologia





digital não pode ser considerada neutra, pois, sob a égide do capitalismo, ela é utilizada como instrumento para a obtenção e monetarização de dados, alimentando a psicopolítica de dominação proposta por Han (2014)

A introdução e a permanência diária das tecnologias principalmente dentro da sala, evidencia ainda mais a irreversibilidade da digitalização na educação, o que pode ficar implícito para as crianças que não existe educação que não esteja atrelada a tecnologia, reforçando uma potencial dependência criada e estimulada através de seus educadores, e para a grande massa é só mais um favor acrescido a sociedade que não percebem a não neutralidade.

Então, saímos de uma escola que antes existiam as salas de computação, onde os alunos iam ter esse momento específico em dias e horários para ter uma usabilidade e aprender sobre. Hoje esse computador em formato de tela gigante já está dentro da sala, professores e alunos o usam constantemente, suas faces são captadas, seus modos de pesquisa, preferências, esse recurso dar e recebe, mas esse receber humano que não é neutro.

“A óptica digital possibilita a vigilância a partir de qualquer ângulo. Assim, elimina pontos cegos. Em contraste com a óptica analógica e perspectivista, a óptica digital pode espiar até a psique” (Han, 2014, p. 78).

Sim, a nossa liberdade está em questão, mas a sutileza utilizada, não se faz perceptível. Não haverá mais retrocesso quanto a modernização tecnológica, está intrinsicamente ligada ao nosso cotidiano, fomos treinados ao acordar e já ligarmos as telas, em casa, e agora na escola também, nos familiarizamos tanto a essa cultura que nos vestimos de informações constantes para serem “apreciadas”. A questão é, temos que municiar crianças e adolescentes sobre os panópticos que sugam nossas informações mais pessoais e as transformam em dados.

As telas são forjadas para que desenhemos nossa vida diante delas, a começar pela escola, que introduz dentro da sala, telas gigantes que estão conectadas em tempo integral à internet. E telas e mais telas irão surgir, cada vez mais estarão ligadas a nós, espiando nossa psique, encaminhando informações em massa para alimentar a big data.

"Contudo, o big data tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano. Dessa maneira, o futuro se torna previsível e controlável" (Han, 2014, p. 23). Nossa liberdade está em questão quando não podemos ter o controle sobre nosso futuro na era digital, a cegueira imposta não permite que percebamos que contribuimos inocentemente para o enriquecimento dos detentores do poder quando nós mesmos nos deixamos ser “lidos” em todos os âmbitos e em todas as idades,



incutindo que essa é a real liberdade, pois somos instigados a nos vender gratuitamente diante das telas em idades cada vez mais precoces e dentro dos moldes educacionais.

#### **4 Viver na contemporaneidade**

Diante da atualidade, o objeto que retrato, é uma ferramenta que colabora com a ascensão da educação, tornando a escola digital e se enquadrando na atualização global de um novo processo educativo, com perfeições e imperfeições, pois a história sempre tem duas faces, a quem defenda e quem a exponha.

“A direção social consiste, realmente, nos hábitos de compreensão que se estabelecem usando-se os objetos em correlação com outras pessoas, quer pela cooperação e auxílio, quer pela rivalidade e concorrência” (Dewey, 1979 p. 34)

Nós crescemos diante de um modelo cultural que vai se moldando as estruturas que vão sendo inseridas em nosso meio, através de objetos que colaboram de forma significativa, a exemplo do display interativo, nesse caso, a partir da relação entre professor e aluno no sentido de cooperação e auxílio, que se fortalece e se criativa através dessa ferramenta, que traz um novo cenário para dentro da escola.

Viver na contemporaneidade é saber que usamos e somos usados, a questão é que esse saber é pouco difundido, as crianças devem crescer com esse entendimento que a tecnologia digital é útil, mas não é neutra, nossa cultura sustenta que expor nossa vida é tão comum, que quando se fala sobre controle de exposição, é que se sentem privadas de liberdade.

Considerando a irreversibilidade da inserção tecnológica no processo educativo, a resposta à crise da liberdade em questão não reside na volta ao modelo analógico. Pelo contrário, faz-se necessário que a escola promova a autonomia e a capacidade reflexiva (Morin, 2015), esclarecendo que a não neutralidade da tecnologia decorre intimamente dos interesses humanos e das lógicas econômicas que disputam lucros, transformando os sujeitos em geradores de dados utilizados para dominação.

A inserção da tecnologia digital em nosso cotidiano se manifesta não como uma escolha deliberada, mas como uma assistência naturalizada, intimamente atrelada à vida contemporânea. Essa onipresença digital estabelece uma sutil dominação, na qual a resistência ou a negação de seu uso implicam um estereótipo de apego ao passado o ao analógico.

Temos que humanizar primeiro, ao invés de se ensinar a superexposição. Não devemos



subestimar o mundo digital, e é na escola que esse aprendizado tem que ganhar força, todas as telas e tecnologias são úteis e jamais nossa vida voltará a ser analógica, mas cabe o alerta que a tecnologia pode levar a dependência, e principalmente a perda de habilidades sociais e manuais.

As escolas e professores têm a incumbência na gestão do aprendizado dos alunos, assim como em treinamentos emocionais e principalmente inteligência digital para um uso seguro, algo ainda falho no ambiente educacional.

A compreensão da não neutralidade da tecnologia deve ser ampliada para toda a sociedade, expandindo-se para além do ambiente escolar. É crucial discernir que a tecnologia digital é um meio, e não a origem do problema. O verdadeiro ônus recai sobre o sistema de poder que impera através dela, transformando-a em uma ferramenta para a vigilância e para o acúmulo geral de informações até mesmo dentro de ambientes infantis, reforçando a servidão mascarada na contemporaneidade.

A tecnologia é moldada e direcionada por interesses humanos, dentro de lógicas políticas e econômicas principalmente, existindo e prevalecendo sobretudo as relações de poder e dominação, práticas de poder através da tecnologia e do digital é o que está em execução no cenário global, a história se repete, a diferenciação é objeto e a forma de execução.

Todavia é válido destacar que a tecnologia digital é um meio para facilitação da vida moderna humana, tem um papel de cooperar para que nós alcancemos objetivos em diversas atividades, é imperativo reconhecer que a tecnologia digital é um meio que coopera para a ascensão da educação e facilitação da vida moderna do homem, o que desmerece a oposição crédula, sobre seu uso. Contudo, é salutar que o sujeito seja sábio e desenvolva a conscientização crítica para compreender que a tecnologia se tornou a nova técnica de poder e instrumento de dominação.

## **Considerações Finais**

A partir dos fundamentos das teorias Dewey (1979), Han (2014), Morin (2015), Zubbof (2021) conclui-se que esses pensamentos e posicionamentos agregam contribuições para nossa geração e as vindouras, a educação é tema central da vida humana, e está em constante transformação para situar a humanidade de acordo com a evolução que nos rodeia.

O artigo analisou a liberdade do pensar na contemporaneidade, explorando a profunda intersecção entre educação e psicopolítica. Para isso, fundamentou-se nas teorias de John Dewey e



Edgar Morin, que defendem uma educação ativa e libertadora, capaz de estimular a proatividade intelectual e a autonomia dos sujeitos.

Em contraponto, a pesquisa incorporou a visão de Byung-Chul Han, que nos alerta para o uso da tecnologia como um instrumento de dominação psicopolítica, o que resulta em desumanização e uma forma de servidão mascarada pela onipresente geração de dados. O artigo evidenciou o problema da liberdade em contraste com as teorias dos três autores.

A discussão integrou-se à observação da inserção de tecnologias digitais, como os displays interativos em escolas municipais de Aracaju. Embora reconheça seus benefícios para o desenvolvimento de competências dos alunos, o estudo problematiza a dependência que pode ser criada e a não neutralidade inerente a esses sistemas, que são controlados por lógicas econômicas de poder e dominação das massas.

Nesse processo a escola tem papel fundamental sensibilizando sobre os pontos negativos e positivos. Nesse caminho se abre uma convocação para "futuras pesquisas" que aprofundem a conscientização sobre as estruturas de poder na globalização e as técnicas de dominação, questionamentos que fomentam mais diálogos posteriores que conversem sobre tema tão atual, a tecnologia e seus vieses na educação contemporânea.

Por fim, entendemos que é necessário ensinar a lutar contra o erro e a ilusão e desenvolver a capacidade reflexiva que é tão urgente diante da "óptica digital" de Han, que espreita até a psique que transforma a vigilância em algo sutil. O homem comum deve situar-se dentro das estruturas de poder no processo de globalização, buscar conscientização e o autoconhecimento para ao menos saber interpretar as técnicas de dominação e poder que são exercidas sobre eles.



## Referências

ARAÚJO, M. M. de; VASCONCELOS, A. D. **Tecnologia digital na educação: uma revisão sistemática da literatura**. REVISTA DELOS, [S. l.], v. 18, n. 66, p. e4777, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n66-095. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/4777>. Acesso em: 29 jul. 2025.

CETIC.BR. **TIC Kids Online Brasil PESQUISA SOBRE O USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL 2024**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/> Acesso em: 10 jul. 2025.

DEWEY, John. **Democracia e Educação: Introdução a filosofia da educação**. 4. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1979.

EDUCA+BRASIL. **Escola tradicional e escola construtivista: existem diferenças?** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/escola-tradicional-e-escola-construtivista-existem-diferencas>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ESCOLA TECH. **Escola Tech: displays interativos aprimoram ensino-aprendizagem da Educação Especial**. Disponível em: [https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/106160/escola\\_tech\\_displays\\_interativos\\_aprimoram\\_ensino-aprendizagem\\_da\\_educacao\\_especial.html](https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/106160/escola_tech_displays_interativos_aprimoram_ensino-aprendizagem_da_educacao_especial.html). Acesso em: 12 julho 2025.

HAN, Byung-chul. **Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

MORIM, Edgar. **Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Meridional Sulina, 2015. p. 9-183.

REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES. **Qual a diferença entre a Net e a Web?** Disponível em: <https://mild.rbe.mec.pt/qual-a-diferenca-entre-a-net-e-a-web/#:~:text=A%20Internet%20%C3%A9%20uma%20rede%20global%20que%20liga%20redes%20de,em%20computadores%20presentes%20na%20Internet>. Acesso em: 13 jul. 2025.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres (et. al.). -3. ed. -14. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 5º reimpressão, 2019.

VASCONCELOS, Alana Danielly. **Trilhando caminhos da formação profissional sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação no curso de Pedagogia da Universidade Federal De Sergipe**. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14767>



**SIMEDUC**

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação  
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira de poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. p. 15-823.